

DINIS SANTOS

OH, POR AMOR DE DEUS!



DINIS SANTOS

OH, POR AMOR DE DEUS!

Guia Espiritual em Crônicas Humorísticas

Do Autor:

Viajando pelos Alpes | Crónicas Humorísticas de uma Viagem em Família, nov. 2024

Viajando pelos Alpes II | Crónicas Humorísticas de uma Viagem em Família, fev. 2025

NÃO SEI ONDE ESTÁ, PERGUNTA À TUA MÃE! | Crónicas Humorísticas, set. 2025

Título: OH, POR AMOR DE DEUS!

Autor: Dinis Santos

Direitos Reservados: © Dinis Duarte Santos

Coordenação: Tatiana Leote e Dinis Santos

Paginação: Dinis Santos

Ilustração: Dinis Santos

Capa: Dinis Santos

1ª Edição, 2025

ISBN: 9789403825410

 **Nutrase Tales**

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Dedicado ao Divino

À presença serena que me ampara mesmo no silêncio.

Agradeço não por me poupar às tempestades, mas por nunca me deixar atravessá-las sozinho.

Dinis Santos

Índice de Crônicas

Parte 1: A Génese do Desastre

Do caos à criação
Deus criou o mundo em seis dias — ao sexto, apercebeu-se do erro
Faça-se luz!
Condenados por uma maçã
A arca de Noé e a prova de humanidade
Torre de Babel, Lda
Moisés, o homem que fez rir o deserto
Compliance divino
Jesus trouxe consigo a palavra “resiliência”
O nascimento da religião e os esquecidos da fila
O Mal veste fatos e convicções
Apocalipse adiado por razões técnicas
Heaven Inc. – relatório de contas celestiais

Parte 2: Deus, Dá-me Paciência

O meu anjo da guarda tem *burnout*
Fé de algibeira
Confessei-me, mas era o padre errado
Quem foi o idiota que comeu a última hóstia?
Fazer o bem dá trabalho
A fé não paga contas
O céu está cheio, tente mais tarde
Descendente de templários
Nossa Senhora, cheia de “graça”
Como acender uma velinha em Fátima
Liberdade de afiliação
Contrato de manutenção celestial
À conversa com o Diabo
À conversa com Deus

Parte 3: Espiritualidade com Nódoas

O paraíso tem *dress code*
Deus me livre de ser perfeito
Subscrição mensal
Gente que nos ensina fé sem nunca o dizer
Santo António, Tinder da Idade Média
Os três pastorinhos
Pecar por omissão... e por preguiça
Missa na televisão
Mi, em cima de Si, sem Dó
Efeitos da reencarnação
Fila prioritária dos devotos
Existe sempre uma beata
E se eu não me quiser perdoar?

Parte 4: Entre o Céu e a Terra

Às portas da morte
Mudei! Eu juro...
O destino do mundo nas minhas mãos
Parece-me que o Diabo tem mais sentido de humor
Relação com o tempo
Deus, nós e o cosmos
Materialismos e mimos desnecessários
Afinal, quem sou eu?
Amar o próximo... com alguma moderação
Correção de injustiças
Faz-me acreditar!
Aprendendo a amar, esquecendo como odiar
Perdoar não é esquecer — é cobrar com juros baixos
Deus também precisa de férias
Obrigado!

Prefácio

Falar de Deus nunca foi coisa simples. Mas falar com Deus... bom, isso já é outra história. Uma história que pode ser profunda, desconcertante, por vezes absurda — e, vá, convenhamos, bastante cómica.

Sim, cómica. Porque, apesar da gravidade com que nos ensinaram a abordar o Sagrado, há algo de profundamente humano (e portanto hilário) na forma como tentamos lidar com o que nos transcende.

Este livro nasceu desse impulso: o de olhar para o Divino com menos solenidade e mais humanidade. Não para ridicularizar — mas para rir com. Porque se Deus existe (e eu acredito que sim, às vezes com mais certeza do que noutras), então deve ter um sentido de humor extraordinário. Afinal, basta olhar para a nossa espécie. Ou para o meu reflexo ao acordar.

"Oh, por amor de Deus!" é a exclamação que tantas vezes me sai — entre a frustração, o espanto e o cansaço espiritual. É o grito de quem se perde nos corredores da fé, tropeça nas dúvidas, bate com a cabeça nos dogmas... e mesmo assim volta a tentar. Volta a perguntar. Volta a esperar que do outro lado alguém esteja a ouvir — mesmo que seja só para revirar os olhos e dizer: "Pronto, lá vem ele outra vez..."

Não vais encontrar aqui sermões, promessas de salvação, nem verdades absolutas. Vais encontrar dúvidas. Contradições. Espiritualidade imperfeita, mundana, às vezes tosca. Mas também vais encontrar amor. Não aquele amor etéreo das homilias, mas o amor falhado, insistente e teimoso de quem tenta fazer sentido do caos com uma mão no coração e a outra a segurar uma chávena de café.

Há diálogos com o Todo-Poderoso (sim, Ele fala comigo), orações reescritas com sarcasmo e alguma ternura, reflexões sobre fé, igreja, pecado e culpa. Tudo com uma dose generosa de humor. Porque às vezes o riso é a única forma de sobrevivência espiritual.

Se és crente, ateu, agnóstico, espiritual-mas-não-religioso, ou simplesmente alguém que já olhou para o céu e disse “a sério, Deus?”, este livro é para ti. Especialmente para ti.

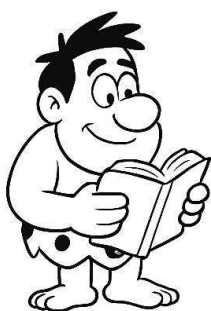
Lê com leveza. Ri com liberdade. E, se sentires vontade de dizer “Oh, por amor de Deus!” a meio de uma crónica — ótimo. Era exatamente essa a ideia.

Bem-vindo a esta viagem divina.

Dinis Santos

Parte 1

A Gênese do Desastre



Do caos à criação

No princípio, não havia nada. Nem tempo, nem espaço, nem ideias para crónicas. Só o silêncio a arder numa combustão lenta — um crepitar cósmico entre o nada e o quase. Uma espécie de micro-ondas divino a aquecer o vácuo até este explodir numa sopa de *quarks*, sarcasmo e matéria escura. Foi assim que começou tudo: o Universo, o caos, e eventualmente... este livro.

Sim, o *Big Bang*! Uma explosão tão monumental que, milhares de milhões de anos depois, ainda continua a expandir-se, como o ego de certos autores que acham que conseguem escrever sobre tudo, inclusive sobre a própria criação. Dizem que, nesse instante inicial, todas as leis da física se formaram ao mesmo tempo — o que é admirável, tendo em conta que não houve um único comité de cientistas envolvido.

Do caos inicial — partículas em *raves* subatómicas, estrelas a explodir com a arrogância de quem se sabe o centro do universo, galáxias em espirais precisas — foi surgindo uma certa ordem. Não muita. Só a suficiente para que os planetas não andassem por aí aos encontrões, num rodopio sem rumo. E, entre tantos corpos celestes a arder em dignidade, nasceu a Terra: uma bola azul cheia de água, gente e impostos.

E foi cá, neste canto barulhento da Via Láctea, que alguém olhou para a confusão da existência e pensou: “Isto dava um bom conjunto de crônicas!”.

Fez-se luz. Literalmente. A mesma que, há 13,8 mil milhões de anos, se soltou do nada e decidiu iluminar tudo — incluindo ideias parvas como esta. E, como qualquer luz que se preze, veio sem manual de instruções. O universo acendeu-se como quem tropeça no interruptor da existência e, sem saber bem onde pisava, lá foi escrevendo história.

Confesso: não sou o primeiro a inspirar-me no divino para escrever livros. Muitos tentaram. Alguns escreveram textos sagrados que mudaram o curso da humanidade. Eu escrevi crônicas. A grande diferença? No meu, ninguém é apedrejado no segundo capítulo — apenas ironizado com delicadeza e algum carinho.

O caos casou com o sarcasmo, teve filhos com a ironia e o resultado está aqui: um livro. Um descendente direto do absurdo universal, devidamente encadernado e apresentado em fonte legível! Porque, se há coisa que o humor sabe fazer, é agarrar o disparate e dar-lhe forma.

A evolução, afinal, também é isto: transformar o grito primitivo num parágrafo com graça. O que eu fiz foi impor alguma ordem — não divina, porque essa falha quase sempre ao sexto dia — mas uma ordem humana, racional, escrita com a convicção de quem sabe que se o universo começou com um estalo... talvez só reste rir da pancada.

O humor não é um mero adereço da existência. É escudo e lança. É o que nos permite olhar para o abismo e não perder o fôlego. É o que transforma tragédia em fábula, banalidade em epifania. Deus, se existiu, não criou só o homem, o mar e o céu. Criou também o riso — esse milagre menor, mas talvez o mais importante. A prova de que, no meio da confusão, não estamos condenados ao desespero.

Este livro é uma arca onde, em vez de animais, se salvam ideias. Nem todas puras. Nem todas úteis. Mas todas com a

ambição de não deixar o disparate passar incógnito. Porque a vida não se salva só com ciência, política ou dinheiro. Salva-se com um olhar que não se resigna, com um humor que desafia o mundo em que vivemos — e que nos permite encarar o absurdo com um sorriso, e a dor, com um gesto de coragem.

E tu, leitor — este livro está à tua espera como uma pausa no ruído. Um instante onde o caos lá fora se traduz em sentido cá dentro. Não te promete certezas, nem mapas para a salvação. Mas convida-te a abraçar a confusão sem medo, a rir da nossa desordem natural, e a perceber que, no meio da explosão do cosmos, é o ato de contar histórias — mesmo as mais pequenas e imperfeitas — que nos mantém humanos.

Porque, afinal, o universo pode ser um acidente cósmico, mas a forma como o interpretamos é o único milagre que nos pertence.

E se, no fim, este livro conseguir fazer de ti cúmplice desse milagre — já valeu a pena.